

O crime do padre Amaro







# EÇA DE QUEIRÓS

## O crime do padre Amaro

### Cenas da vida devota

#### TEXTO INTEGRAL

Cotejado com a edição crítica baseada nas versões de 1875, 1876 e 1880, Porto, Lello & Irmão – Editores, 1964.

Apresentação de

**Benjamin Abdala Junior**

**gerente editorial** Fabricio Waltrick  
**editora assistente** Malu Rangel  
**assistentes editoriais** Carla Bitelli, Fabiane Zorn  
**assistente de arte** Thatiana Kalaes  
**coordenadora de revisão** Ivany Picasso Batista  
**revisoras** Bárbara Borges, Cláudia Cantarin  
**redação** Fabio Cesar Alves, Juliana Topan  
**projeto gráfico** Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez  
**coordenadora de arte** Soraia Scarpa  
**edição eletrônica** Carla Castilho | Estúdio

**imagem da capa** Sem título, 2008, obra de Hildebrando de Castro

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS - RJ

Q42c  
17.ed.

Queirós, Eça de, 1845-1900  
O crime do padre Amaro : cenas da vida devota / Eça de  
Queirós. - 17.ed. - São Paulo : Ática, 2012. 408p. - (Bom Livro)

Inclui apêndice  
ISBN 978 85 08 14561-4

1. Ficção portuguesa. I. Título. II. Série.

10-0438.

CDD 869.3

CDU 821.134.3-3

ISBN 978 85 08 14561-4 (aluno)  
CL: 737819  
CAE: 269908

2018  
17ª edição  
4ª impressão  
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A. | 1995  
Avenida das Nações Unidas, 7221 | Cep 05425-902 | São Paulo | SP  
Atendimento ao cliente: 4003-3061 | atendimento@aticascipione.com.br  
www.coletivoeditor.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# Sumário

A distância crítica do narrador naturalista 7

Prefácio da segunda versão 15

Prefácio da terceira versão 17

I 21

II 27

III 34

IV 53

V 64

VI 78

VII 89

VIII 103

IX 112

X 127

XI 157

XII 173

XIII 183

XIV 197

XV 224

XVI 237

XVII 254

XVIII 258

XIX 277

XX 290

XXI 301

XXII 315

XXIII 337

XXIV 360

XXV 370

Vida & obra 379

Resumo biográfico 403

Obras do autor 405

Obra da capa 407



# A DISTÂNCIA CRÍTICA DO NARRADOR NATURALISTA

Benjamin Abdala Junior

Professor da Universidade de São Paulo (USP), foi presidente da Associação Brasileira de Literatura Comparada e membro do conselho editorial de revistas científicas.

O *crime do padre Amaro* foi a primeira grande produção literária de Eça de Queirós e do realismo-naturalismo português. O romance teve três versões. A primeira foi publicada em fascículos, sem a autorização do escritor, na *Revista Ocidental* (1875): constituiu apenas um “esboço informe”, de acordo com o autor. A segunda edição, publicada em livro no ano seguinte, já apresenta uma elaboração mais acentuada. O sentido de rigor estético do escritor ainda não estava satisfeito e uma versão definitiva desse romance só ocorrerá em 1880.

Com o romance, Eça de Queirós procura colocar em prática o que teorizou em sua conferência no Cassino Lisboense (1871). Defendia um rompimento radical com o romantismo e a incorporação artística do método de observação científica da realidade, próprio das ciências experimentais de sua época. Sua perspectiva é de uma literatura participante, com o compromisso de intervir na realidade, contribuindo para o desenvolvimento social.

O *crime do padre Amaro* é a primeira produção de um vasto inquérito sobre os problemas da sociedade portuguesa, que o escritor pretendia realizar. Seu objetivo era criticar para corrigir. Foi também o mais esquemático de seus romances, o mais enquadrado mecanicamente nas diretrizes teórico-ideológicas do realismo-naturalismo europeu. Há diferenças, entretanto: o incipiente desenvolvimento capitalista do país vai atenuar a contundência que o movimento teve, por exemplo, na França.

O *crime do padre Amaro*, pelo que teorizou Eça de Queirós, na conferência do Cassino, deveria reproduzir a realidade observada pelo escritor. Os personagens e os ambientes deveriam ter existência concreta: não caberia propriamente a invenção romanesca, mas a observação dos fatos. O assunto deveria ser contemporâneo e, em sua caracterização, o escritor deveria posicionar-se em favor da reforma social.

Esse sentido programático que orientou as produções de Eça de Queirós vai levá-lo inicialmente a utilizar de forma enfática a onisciência do narrador. Por meio dessa forma de discurso, pretende conscientizar o leitor dos problemas sociais, de acordo com o instrumental ideológico do movimento artístico a que pertencia.

A representação da realidade pretendida pelo realismo-naturalismo deveria ser neutra, objetiva — uma reprodução “científica”. Sabemos que a neutralidade em arte é ficção: o artista, ao selecionar os dados do real, sempre o faz de acordo com um determinado ponto de vista, isto é, com uma determinada ideologia, que não é apenas sua mas dialeticamente social.

Em *O crime do padre Amaro*, não só a neutralidade não existe como o narrador é muito subjetivo, explicitando a sua ideologia — isto é, o seu modo de pensar (trabalhar) a realidade —, momento a momento. Sua subjetividade percorre todo o discurso, desde a seleção e concatenação de situações narrativas no plano da história do romance até os recursos estilísticos que utiliza na escrita para impor-se à atenção do leitor.

O narrador procura comunicar o seu sistema de valores através de sua própria voz narrativa. Ele parece não confiar na capacidade de seus personagens desempenharem esse papel. Eles não têm autonomia: suas falas e pensamentos vêm quase sempre circunscritos pelo seu discurso onisciente. O efeito desse procedimento é o alto índice de explicitação de informações que poderiam ficar implícitas, para maior densidade da narrativa.

Os personagens são modelados de acordo com a teoria determinista de Hippolyte Taine (1825-1893), pela qual a obra de arte deveria reproduzir situações condicionadas pela herança, meio e circunstâncias. Amaro e Amélia, personagens protagonistas do romance, desde a infância já se mostram sensuais; impulsionados por um ambiente de exaltações sentimentais e de um misticismo vicioso, só precisavam de certas circunstâncias para que se encontrassem e praticassem o adultério.

A crítica ao misticismo e à educação religiosa baseia-se nos estudos anticlericais da época, especialmente em Joseph Ernest Renan (1823-1892). Amaro é conduzido ao sacerdócio sem nenhuma vocação, por imposição da marquesa de Alegros, que o adotara. No seminário, vê em uma litografia da Virgem uma mulher sensual; ironicamente, mais tarde, nos encontros sexuais com Amélia, ele chega a adorá-la como se fosse a Virgem. Em relação a Amélia, temos um processo educacional similar, que leva aos seguintes efeitos, explicitados pelo narrador:

[Amélia] deu-se a uma forte devoção, manifestação exagerada das tendências que desde pequenina as convivências de padres tinham lentamente criado na sua natureza sensível.

O sensualismo desses personagens está ligado aos estudos do fisiologista Claude Bernard (1813-1878). Suas motivações são glandulares e podem ser exacerbadas pelo sentimentalismo romântico, segundo o narrador, levando Amélia a certos lances “demoníacos”:

[...] o desejo, o furor da carne, como um vinho muito alcoólico, davam-lhe uma coragem colérica; era com um brutal desafio ao Céu que se enroscava furiosamente ao seu corpo.

O apriorismo do narrador é ainda maior em relação aos personagens secundários. Antes mesmo de entrarem em cena, ele parece convencido de seu caráter negativo, como podemos notar na apresentação do cônego Dias:

O cônego Dias era muito conhecido em Leiria. Ultimamente engordara, o ventre saliente enchia-lhe a batina; e a sua cabecinha grisalha, as olheiras papudas, o beijo espesso faziam lembrar velhas anedotas de frades lascivos e glutões.

É sobretudo pelo uso sistemático de adjetivos contextualmente agressivos (como *papudas*, *lascivos*, *glutões*), de uma materialidade grosseira, que Eça de Queirós fará uma apresentação crítica de seus personagens, revelando os valores de sua subjetividade. Outros processos serão as comparações (como no exemplo anterior — *cônego/frades lascivos e glutões*), as metáforas (“uma mocidade *envernizada de literatura*”), as sinédoques (“aquela piedosa reunião de *saías e batinas*”) e a hipérbole (“o *carão chupado do coadjutor*”). A apresentação irônica e sarcástica, que tem por base esses mecanismos intensificadores da linguagem, encontra nos comentários do narrador sua realização mais concentrada:

Assim aquele inofensivo moço [Amaro] tinha durante horas, sob a excitação colérica duma paixão contrariada, ambições grandiosas de tirania católica: — porque todo o padre, o mais boçal, tem um momento em que é penetrado pelo espírito da Igreja [...] e o abade pançudo que à tardinha, à varanda, palita o dente furado saboreando o seu café com um ar paterno, traz dentro em si os indistintos restos dum Torquemada.

A agressividade ideológica do narrador é mais desenvolvida na caracterização dos personagens mais próximos dos protagonistas. São avaliados

individualmente e em sua prática coletiva. O narrador destaca dois grupos: os padres e as beatas; um terceiro, o conjunto social de Leiria, é registrado um pouco mais à distância.

Pertencem ao grupo dos padres o *bilioso* Natário, o *bestial* Brito, o *lascivo* cônego Dias. De qualidades opostas é o *bom* abade Ferrão, que serve de contraponto para destacar os atributos negativos dos demais religiosos. No caricato grupo das beatas estão as *velhas*, isto é, D. Maria da Assunção, D. Josefa Dias, as irmãs Gansosos e o indefinido Libaninho.

O narrador não consegue ser impassível diante desses personagens: manifesta o seu desprezo de forma reiterada. Nem diante do ambiente provinciano de Leiria, com Agostinho Pinheiro, Gouveia Ledesma, doutor Godinho e outros. Mesmo João Eduardo, uma das vítimas dos padres, não lhe desperta maior simpatia.

Nas situações narrativas mais importantes, o narrador revela grande consciência técnica. Ele procura destacá-las, cedendo em parte às perspectivas narrativas dos personagens. Em vez do sumário narrativo, temos as cenas, construídas por meio de indicadores cênicos e diálogos, ou através de monólogos interiores dos personagens. São situações que pedem maior dramatização, como na passagem em que Amaro descobre as ligações amorosas entre a mãe de Amélia e o cônego Dias, seu antigo mestre de Moral:

[...] que gente era aquela, a S. Joaneira e a filha, que viviam assim sustentadas pela lubricidade tardia de um velho cônego? A S. Joaneira fora decerto bonita, bem-feita, desejável — outrora! Por quantos braços teria passado até chegar, pelos declives da idade, àqueles amores senis e mal pagos? As duas mulherinhas, que diabo, não eram honestas!

O exemplo desses personagens levará Amaro a levantar os obstáculos morais que impediam sua aproximação de Amélia. Entretanto, tais situações narrativas, com focalização interior da psicologia dos personagens, não são frequentes. O narrador parece não querer correr o risco de ceder à perspectiva de personagens que não teriam condições de realizar a crítica social desenvolvida pela sua voz narrativa.

Assim, ao final do romance, o narrador desloca a situação narrativa de Leiria para Lisboa, com o objetivo de imprimir maior abrangência à sua crítica. Registra, então, a fala do conde de Ribamar, que destaca a situação do país, de forma ufanista, colocando-o acima dos países europeus: “Que paz, que animação, que prosperidade!”.

Sua perspectiva de “falsa” consciência não lhe permite uma visão totalizadora da situação social concreta de Portugal. Esta virá através da voz do narrador:

Tipóias vazias rodavam devagar; pares de senhoras passavam, de cuia cheia e tação alto, com os movimentos derreados, a palidez clorótica duma degeneração de raça; nalguma magra pileca, ia trotando algum moço de nome histórico, com a face ainda esverdeada da noitada de vinho; pelos bancos de praça gente estirava-se num torpor de vadiagem; um carro de bois, aos solavancos sobre as suas altas rodas, era como o símbolo de agriculturas atrasadas de séculos; fadistas gingavam, de cigarro nos dentes; algum burguês enfastiado lia nos cartazes o anúncio de operetas obsoletas; nas faces enfezadas de operários havia como a personificação das indústrias moribundas...

Diante desse mundo decadente, o narrador registra ainda duas atitudes opostas:

E assim uma burguesia entorpecida esperava deter, com alguns políticos, uma evolução social: e uma mocidade, envernizada de literatura, decidia destruir num folhetim uma sociedade de dezoito séculos.

A visão crítica do reacionarismo burguês não leva o narrador à perspectiva romântica daqueles que consideravam que o regime político poderia ser derrubado facilmente. Para a transformação social do país, seria necessário muito mais do que simples denúncias literárias de uma mocidade exaltada.





O crime do  
padre Amaro



## PREFÁCIO DA SEGUNDA VERSÃO

A designação inscrita no frontispício deste livro — Edição Definitiva — necessita uma explicação.

O *Crime do Padre Amaro* foi escrito há quatro ou cinco anos, e desde essa época esteve esquecido entre os meus papéis — como um esboço informe e pouco aproveitável.

Por circunstâncias que não são bastante interessantes para serem impressas — este esboço de romance, em que a ação, os caracteres e o estilo eram uma improvisação desleixada, foi publicado em 1875 nos primeiros fascículos da *Revista Ocidental*, sem alterações, sem correções, conservando toda a sua feição de esboço, e de um improvisado.



Hoje O *Crime do Padre Amaro* aparece em volume — refundido e transformado. Deitou-se parte da velha casa abaixo para erguer a casa nova. Muitos capítulos foram reconstruídos linha por linha; capítulos novos acrescentados; a ação modificada e desenvolvida; os caracteres mais estudados, e completados; toda a obra enfim mais trabalhada.

Assim, O *Crime do Padre Amaro* da *Revista Ocidental* era um rascunho, a edição provisória; o que hoje se publica é a obra acabada, a edição definitiva.

Este trabalho novo conserva todavia — naturalmente — no estilo, no desenho dos personagens, em certos traços da ação e do diálogo, muitos dos defeitos do trabalho antigo: conserva vestígios consideráveis de certas preocupações de Escola e de Partido, — lamentáveis sob o ponto de vista da pura Arte — que tiveram outrora uma influência poderosa no plano original do livro. Mas como estes defeitos provêm da concepção mesma da

obra, e do seu desenvolvimento lógico — não podiam ser eliminados, sem que o romance fosse totalmente refeito na ideia e na forma. Todo o mundo compreenderá que — correções, emendas, entrelinhas, folhas intercaladas não bastam para alterar absolutamente a concepção primitiva de um livro, e a sua primitiva execução.

Akenside Tewace, 5 de julho de 1875.

Eça de Queirós

## PREFÁCIO DA TERCEIRA VERSÃO

O *Crime do Padre Amaro* recebeu no Brasil e em Portugal alguma atenção da Crítica, quando foi publicado ulteriormente um romance intitulado — O *Primo Basílio*. E no Brasil e em Portugal escreveu-se (sem todavia se aduzir nenhuma prova efetiva) que O *Crime do Padre Amaro* era uma imitação do romance do Sr. E. Zola — *La Faute de L'Abbé Mouret*; ou que este livro do autor do *Assomoir* e de outros magistras estudos sociais sugerira a ideia, os personagens, a intenção de O *Crime do Padre Amaro*.

Eu tenho algumas razões para crer que isto não é correto. O *Crime do Padre Amaro* foi escrito em 1871, lido a alguns amigos em 1872, e publicado em 1874 [sic]. O livro do Sr. Zola, *La Faute de L'Abbé Mouret* (que é o quinto volume da série *Rougon Macquart*), foi escrito e publicado em 1875<sup>1</sup>.

Mas (ainda que isto pareça sobrenatural) eu considero esta razão apenas como subalterna e insuficiente. Eu podia, enfim, ter penetrado no cérebro, no pensamento do Sr. Zola, e ter avistado, entre as formas ainda indecisas das suas criações futuras, a figura do abade Mouret, — exatamente como o venerável Anquises no vale dos Elísios podia ver, entre as sombras das raças vindouras flutuando na névoa luminosa do Lete, aquele que um dia devia ser Marcelo. Tais coisas são possíveis. Nem o homem prudente as deve considerar mais extraordinárias que o carro de fogo que arrebatou Elias aos Céus — e outros prodígios provados<sup>2</sup>.

O que, segundo penso, mostra melhor que a acusação carece de exatidão, é a simples comparação dos dois romances. *La Faute de L'Abbé Mouret* é, no seu episódio central, o quadro alegórico da iniciação do primeiro homem e da

---

1 A aproximação entre Eça de Queirós e Émile Zola foi feita por Machado de Assis. Os romances *La faute de l'abbé Mouret* (*A falta do abade Mouret*) e *L'assomoir* (*A taberna*) foram publicados, respectivamente, em 1875 e 1877. (N.E.)

2 Eça de Queirós faz uma associação entre o seu pensamento e o de Émile Zola: seria uma atitude similar à de Anquises, herói troiano que, de acordo com a mitologia grega, teve um filho com a deusa Vênus, Eneias, que, por sua vez, deu origem a novos povos. Nas névoas do Lete, um dos rios do inferno, formas indefinidas depois apareceriam definidas como os novos povos. (N.E.)

primeira mulher no amor. O abade Mouret (Sérgio), tendo sido atacado duma febre cerebral, trazida principalmente pela sua exaltação mística no culto da Virgem, na solidão de um vale abrasado da Provença (primeira parte do livro), é levado para convalescer ao *Paradou*, antigo parque do século XVII a que o abandono refez uma virgindade selvagem, e que é a representação alegórica do Paraíso. Aí, tendo perdido na febre a consciência de si mesmo a ponto de se esquecer do seu sacerdócio e da existência da aldeia, e a consciência do universo a ponto de ter medo do Sol e das árvores de *Paradou* como de monstros estranhos — erra, durante meses, pelas profundidades do bosque inculto, com Albina que é o gênio, a Eva desse lugar de legenda; Albina e Sérgio, seminus como no Paraíso, procuram sem cessar, por um instinto que os impele, uma árvore misteriosa, da rama da qual cai a influência afrodisíaca da matéria procriadora; sob este símbolo da Árvore da Ciência se possuem, depois de dias angustiosos em que tentam descobrir, na sua inocência paradisíaca, o meio físico de realizar o amor; depois, numa mútua vergonha súbita, notando a sua nudez, cobrem-se de folhagens; e daí os expulsa, os arranca o padre Arcangias, que é a personificação teocrática do antigo Arcanjo. Na última parte do livro o abade Mouret recupera a consciência de si mesmo, subtrai-se à influência dissolvente da adoração da Virgem, obtém por um esforço da oração e um privilégio da graça a extinção da sua virilidade, e torna-se um asceta sem nada de humano, uma sombra caída aos pés da cruz; e, é sem que lhe mude a cor do rosto que asperge e responsa o esquite de Albina, que se asfixiou no *Paradou* sob um montão de flores de perfumes fortes.

Os críticos inteligentes que acusaram *O Crime do Padre Amaro* de ser apenas uma imitação da *Faute de L'Abbé Mouret* não tinham infelizmente lido o romance maravilhoso do Sr. Zola, foi talvez a origem de toda a sua glória. A semelhança casual dos dois títulos induziu-os em erro.

Com conhecimento dos dois livros, só uma obtusidade córnea ou má-fé cínica poderia assemelhar esta bela alegoria idílica, a que está misturado o patético drama duma alma mística, a' *O Crime do Padre Amaro* que, como podem ver neste novo trabalho, é apenas, no fundo, uma intriga de clérigos e de beatas tramada e murmurada à sombra duma velha Sé de província portuguesa.

Aproveito este momento para agradecer à Crítica do Brasil e de Portugal a atenção que ela tem dado aos meus trabalhos.

Brístol, 1 de janeiro de 1880.

Eça de Queirós





Foi no domingo de Páscoa que se soube em Leiria, que o pároco da Sé, José Miguéis, tinha morrido de madrugada com uma apoplexia. O pároco era um homem sanguíneo e nutrido, que passava entre o clero diocesano pelo *comilão dos comilões*. Contavam-se histórias singulares da sua voracidade. O Carlos da Botica — que o detestava — costumava dizer, sempre que o via sair depois da sesta, com a face afogueada de sangue, muito enfartado:

— Lá vai a jiboia esmoer. Um dia estoura!

Com efeito estourou, depois de uma ceia de peixe — à hora em que de frente, na casa do doutor Godinho que fazia anos, se polcava com alarido. Ninguém o lamentou, e foi pouca gente ao seu enterro. Em geral não era estimado. Era um aldeão; tinha os modos e os pulsos de um cavador, a voz rouca, cabelos nos ouvidos, palavras muito rudes.

Nunca fora querido das devotas; arrotava no confessionário, e, tendo vivido sempre em freguesias da aldeia ou da serra, não compreendia certas sensibilidades requintadas da devoção: perdera por isso, logo ao princípio, quase todas as confessadas, que tinham passado para o polido padre Gusmão, tão cheio de *lábria*!

E quando as beatas, que lhe eram fiéis, lhe iam falar de escrúpulos de visões, José Miguéis escandalizava-as, rosnando:

— Ora histórias, santinha! Peça juízo a Deus! Mais miolo na bola!

As exagerações dos jejuns sobretudo irritavam-no:

— Coma-lhe e beba-lhe, costumava gritar, coma-lhe e beba-lhe, criatura!

Era miguelista<sup>3</sup> — e os partidos liberais, as suas opiniões, os seus jornais enchiam-no duma cólera irracional:

---

3 **miguelista**: partidário de dom Miguel (1802-1866), rei de Portugal representante da política absolutista, contrária ao liberalismo. (N.E.)

— Cacete! cacete! exclamava, meneando o seu enorme guarda-sol vermelho.

Nos últimos anos tomara hábitos sedentários, e vivia isolado — com uma criada velha e um cão, o Joli. O seu único amigo era o chantre Valadares, que governava então o bispado, porque o senhor bispo D. Joaquim gemia, havia dois anos, o seu reumatismo, numa quinta do Alto Minho. O pároco tinha um grande respeito pelo chantre, homem seco, de grande nariz, muito curto de vista, admirador de Ovídio — que falava fazendo sempre boquinhas, e com alusões mitológicas.

O chantre estimava-o. Chamava-lhe *Frei Hércules*.

— *Hércules* pela força — explicava sorrindo, *Frei* pela gula.

No seu enterro ele mesmo lhe foi aspergir a cova; e, como costumava oferecer-lhe todos os dias rapé da sua caixa de ouro, disse aos outros cônegos, baixinho, ao deixar-lhe cair sobre o caixão, segundo o ritual, o primeiro torrão de terra:

— É a última pitada que lhe dou!

Todo o cabido riu muito com esta graça do senhor governador do bispado; o cônego Campos contou-o à noite ao chá em casa do deputado Novais; foi celebrada com risos deleitados, todos exaltaram as virtudes do chantre, e afirmou-se com respeito — que sua excelência tinha muita *pilhéria*!

Dias depois do enterro apareceu, errando pela Praça, o cão do pároco, o Joli. A criada entrara com sezões no hospital; a casa fora fechada; o cão, abandonado, gemia a sua fome pelos portais. Era um gozo pequeno, extremamente gordo, — que tinha vagas semelhanças com o pároco. Com o hábito das batinas, ávido dum dono, apenas via um padre punha-se a segui-lo, ganindo baixo. Mas nenhum queria o infeliz Joli; enxotavam-no com as ponteiras dos guarda-sóis; o cão, repellido como um pretendente, toda a noite uivava pelas ruas. Uma manhã apareceu morto ao pé da Misericórdia; a carroça do estrume levou-o e, como ninguém tornou a ver o cão, na Praça, o pároco José Miguéis foi definitivamente esquecido.

Dois meses depois soube-se em Leiria que estava nomeado outro pároco. Dizia-se que era um homem muito novo, saído apenas do seminário. O seu nome era Amaro Vieira. Atribuía-se a sua escolha a influências políticas, e o jornal de Leiria, *A Voz do Distrito*, que estava na oposição, falou com amargura, citando o *Gólgota*, no *favoritismo da corte* e na *reação clerical*. Alguns padres tinham-se escandalizado com o artigo; conversou-se sobre isso, acicamente, diante do senhor chantre.

— Não, não, lá que há favor, há; e que o homem tem padrinhos, tem — disse o chantre. — A mim quem me escreveu para a confirmação foi o Brito Correia (Brito Correia era então ministro da Justiça). Até me diz na carta

que o pároco é um belo rapagão. De sorte que — acrescentou sorrindo com satisfação — depois de *Frei Hércules* vamos talvez ter *Frei Apolo*.

Em Leiria havia só uma pessoa que conhecia o pároco novo: era o cônego Dias, que fora nos primeiros anos do seminário seu mestre de Moral. No seu tempo, dizia o cônego, o pároco era um rapaz franzino, acanhado, cheio de espinhas carnisas...

— Parece que o estou a ver com a batina muito coçada e cara de quem tem lombrigas!... De resto bom rapaz! E espertote...

O cônego Dias era muito conhecido em Leiria. Ultimamente engordara, o ventre saliente enchia-lhe a batina; e a sua cabecinha grisalha, as olheiras papudas, o beiço espesso faziam lembrar velhas anedotas de frades lascivos e glutões.

O tio Patrício, *o Antigo*, negociante da Praça, muito liberal e que quando passava pelos padres rosnava como um velho cão-de-fila, dizia às vezes ao vê-lo atravessar a Praça, pesado, ruminando a digestão, encostado ao guarda-chuva:

— Que maroto! Parece mesmo D. João VI!

O cônego vivia só com uma irmã velha, a Sra. D. Josefa Dias, e uma criada, que todos conheciam também em Leiria, sempre na rua, entroxada num xale tingido de negro, e arrastando pesadamente as suas chinelas de ourelo. O cônego Dias passava por ser rico; trazia ao pé de Leiria propriedades arrendadas, dava jantares com peru, e tinha reputação o seu vinho *duque* de 1815. Mas o fato saliente da sua vida — o fato comentado e murmurado — era a sua antiga amizade com a Sra. Augusta Caminha, a quem chamavam a S. Joaneira, por ser natural de S. João da Foz. A S. Joaneira morava na Rua da Misericórdia, e recebia hóspedes. Tinha uma filha, a Ameliiazinha, rapariga de vinte e três anos, bonita, forte, muito desejada.

O cônego Dias mostrara um grande contentamento com a nomeação de Amaro Vieira. Na botica do Carlos, na Praça, na sacristia da Sé, exaltou os seus bons estudos no seminário, a sua prudência de costumes, a sua obediência: gabava-lhe mesmo a voz: “um timbre que é um regalo!”

— Para um bocado de sentimento nos sermões da Semana Santa, está a calhar!

Predizia-lhe com ênfase um destino feliz, uma conezia decerto, talvez a glória de um bispado!

E um dia, enfim, mostrou com satisfação ao coadjutor da Sé, criatura servil e calada, uma carta que recebera de Lisboa de Amaro Vieira.

Era uma tarde de Agosto e passeavam ambos para os lados da Ponte Nova. Andava então a construir-se a estrada da Figueira: o velho passadiço de pau

sobre a ribeira do Lis tinha sido destruído, já se passava sobre a Ponte Nova, muito gabada, com os seus dois largos arcos de pedra, fortes e atarracados. Para diante as obras estavam suspendidas por questões de expropriação; ainda se via o lodoso caminho da freguesia de Marrazes, que a estrada nova devia desbasta e incorporar; camadas de cascalho cobriam o chão; e os grossos cilindros de pedra, que acalcam e recamam os macadames, enterravam-se na terra negra e úmida das chuvas.

Em roda da Ponte a paisagem é larga e tranquila. Para o lado de onde o rio vem são colinas baixas, de formas arredondadas, cobertas da rama verde-negra dos pinheiros novos; embaixo, na espessura dos arvoredos, estão os casais<sup>4</sup> que dão àqueles lugares melancólicos uma feição mais viva e humana — com as suas alegres paredes caiadas que luzem ao sol, com os fumos das lareiras que pela tarde se azulam nos ares sempre claros e lavados. Para o lado do mar, para onde o rio se arrasta nas terras baixas entre dois renques de salgueiros pálidos, estende-se até os primeiros areais o campo de Leiria, largo, fecundo, com o aspecto de águas abundantes, cheio de luz. Da Ponte pouco se vê da cidade; apenas uma esquina das cantarias pesadas e jesuíticas da Sé, um canto do muro do cemitério coberto de parietárias, e pontas agudas e negras dos ciprestes; o resto está escondido pelo duro monte ouriçado de vegetações rebeldes, onde destacam as ruínas do Castelo, todas envolvidas à tarde nos largos voos circulares dos mochos, desmanteladas e com um grande ar histórico.

Ao pé da Ponte, uma rampa desce para a alameda que se estende um pouco à beira do rio. É um lugar recolhido, coberto de árvores antigas. Chamam-lhe a Alameda Velha. Ali, caminhando devagar, falando baixo, o cônego consultava o coadjutor sobre a carta de Amaro Vieira, e sobre “uma ideia que ela lhe dera, que lhe parecia de mestre! De mestre!” Amaro pedia-lhe com urgência que lhe arranjasse uma casa de aluguel, barata, bem situada, e se fosse possível mobilada; falava sobretudo de quartos numa casa de hóspedes respeitável. “Bem vê o meu caro padre-mestre, dizia Amaro, que era isto o que verdadeiramente me convinha; eu não quero luxos, está claro: um quarto e uma saleta seria o bastante. O que é necessário é que a casa seja respeitável, sossegada, central, que a patroa tenha bom gênio e que não peça mundos e fundos; deixo tudo isto à sua prudência e capacidade, e creia que todos estes favores não cairão em terreno ingrato. Sobretudo que a patroa seja pessoa acomodada e de boa língua.”

— Ora a minha ideia, amigo Mendes, é esta: metê-lo em casa da S. Joaneira! resumiu o cônego com um grande contentamento. É rica ideia, hem!

---

4 **casais:** pequenas propriedades, sítios. (N.E.)

— Soberba ideia, disse o coadjutor com a sua voz servil.

— Ela tem o quarto de baixo, a saleta pegada e o outro quarto que pode servir de escritório. Tem boa mobília, boas roupas...

— Ricas roupas, disse o coadjutor com respeito.

O cônego continuou:

— É um belo negócio para a S. Joaneira: dando os quartos, roupas, comida, criada, pode muito bem pedir os seus seis tostões por dia. E depois sempre tem o pároco de casa.

— Por causa da Ameliazinha é que eu não sei — considerou timidamente o coadjutor. — Sim, pode ser reparado. Uma rapariga nova... Diz que o senhor pároco é ainda novo... Vossa senhoria sabe o que são línguas do mundo.

O cônego tinha parado:

— Ora histórias! Então o padre Joaquim não vive debaixo das mesmas telhas com a afilhada da mãe? E o cônego Pedroso não vive com a cunhada, e uma irmã da cunhada, que é uma rapariga de dezenove anos? Ora essa!

— Eu dizia... atenuou o coadjutor.

— Não, não vejo mal nenhum. A S. Joaneira aluga os seus quartos, é como se fosse uma hospedaria. Então o secretário-geral não esteve lá uns poucos de meses?

— Mas um eclesiástico... insinuou o coadjutor.

— Mais garantias, Sr. Mendes, mais garantias! exclamou o cônego. E parando, com uma atitude confidencial: — E depois a mim é que me convinha, Mendes! A mim é que me convinha, meu amigo!

Houve um pequeno silêncio. O coadjutor disse, baixando a voz:

— Sim, vossa senhoria faz muito bem à S. Joaneira...

— Faça o que posso, meu caro amigo, faço o que posso, disse o cônego. E com uma entonação terna, risonhamente paternal: — que ela é merecedora! é merecedora. Boa até ali, meu amigo! — Parou, esgazeando os olhos: — Olhe que dia em que eu não lhe apareça pela manhã às nove em ponto, está num frenesi! Oh criatura! digo-lhe eu, a senhora rala-se sem razão. Mas então, é aquilo! Pois quando eu tive a cólica o ano passado! Emagreceu, Sr. Mendes! E depois não há lembrança que não tenha! Agora, pela matança do porco, o melhor do animal é para o *padre santo*, você sabe? é como ela me chama.

Falava com os olhos luzidos, uma satisfação babosa.

— Ah, Mendes! acrescentou, é uma rica mulher!

— É bonita mulher, disse o coadjutor respeitosamente.

— Lá isso! exclamou o cônego parando outra vez. Lá isso! Bem conservada até ali! Pois olhe que não é uma criança! Mas nem um cabelo branco, nem um,

nem um só! E então que cor de pele! — E mais baixo, com um sorriso guloso: — E isto aqui! Ó Mendes, e isto aqui! — Indicava o lado do pescoço debaixo do queixo, passando-lhe devagar por cima a sua mão papuda: — É uma perfeição! E depois mulher de asseio, muitíssimo asseio! E que lembranças! Não há dia que me não mande o seu presente! é o covillete de geleia, é o pratinho de arroz-doce, é a bela morcela de Arouca! Ontem me mandou ela uma torta de maçã. Ora havia de você ver aquilo! A maçã parecia um creme! Até a mana Josefa disse: “Está tão boa que parece que foi cozida em água benta!” — E pondo a mão espalmada sobre o peito: — São coisas que tocam a gente cá por dentro, Mendes! Não, não é lá por dizer, mas não há outra.

O coadjutor escutava com a taciturnidade da inveja.

— Eu bem sei, disse o cônego parando de novo e tirando lentamente as palavras, eu bem sei que por aí rosnam, rosnam... Pois é uma grandíssima calúnia! O que é, é que eu tenho muito apego àquela gente. Já o tinha em tempo do marido. Você bem o sabe, Mendes.

O coadjutor teve um gesto afirmativo.

— A S. Joaneira é uma pessoa de bem! olhe que é uma pessoa de bem, Mendes! exclamava o cônego batendo no chão fortemente com a ponteira do guarda-sol.

— As línguas do mundo são venenosas, senhor cônego, disse o coadjutor com uma voz chorosa. E depois dum silêncio, acrescentou baixo: — Mas aquilo a vossa senhoria deve-lhe sair caro!

— Pois a está, meu amigo! Imagine você que desde que o secretário-geral se foi embora a pobre da mulher tem tido a casa vazia: eu é que tenho dado para a panela, Mendes!

— Que ela tem uma fazendita, considerou o coadjutor.

— Uma nesga<sup>5</sup> de terra, meu rico senhor, uma nesga de terra! E depois as décimas, os jornais! Por isso digo eu, o pároco é uma mina. Com os seis tostões que ele der, com que eu ajudar, com alguma coisa que ela tire da hortalça que vende da fazenda, já se governa. E para mim é um alívio, Mendes.

— É um alívio, senhor cônego! repetiu o coadjutor.

Ficaram calados. A tarde descaía muito límpida; o alto céu tinha uma pálida cor azul; o ar estava imóvel. Naquele tempo o rio ia muito vazio; pedaços de areia reluziam em seco; e a água baixa arrastava-se com um marulho brando, toda enrugada do roçar dos seixos.

Duas vacas, guardadas por uma rapariga, apareceram então pelo caminho lodoso que do outro lado do rio, defronte da alameda, corre junto de

---

5 **nesga**: pequena porção de terra. (N.E.)

um silvado; entraram no rio devagar, e estendendo o pescoço pelado da canga, bebiam de leve, sem ruído; a espaços erguiam a cabeça bondosa, olhavam em redor com a passiva tranquilidade dos seres fartos — e fios de água, babados, luzidios à luz, pendiam-lhes dos cantos do focinho. Com a inclinação do sol a água perdia a sua claridade espelhada, estendiam-se as sombras dos arcos da Ponte. Do lado das colinas ia subindo um crepúsculo esfumado, e as nuvens cor de sanguínea e cor de laranja que anunciam o calor faziam, sobre os lados do mar, uma decoração muito rica.

— Bonita tarde! disse o coadjutor.

O cônego bocejou, e fazendo uma cruz sobre o bocejo:

— Vamo-nos chegando às Ave-Marias, hem?

Quando, daí a pouco, iam subindo as escadarias da Sé, o cônego parou, e voltando-se para o coadjutor:

— Pois está decidido, amigo Mendes, ferro o Amaro na casa da S. Joaneira! É uma pechincha para todos.

— Uma grande pechincha! disse respeitosamente o coadjutor. Uma grande pechincha!

E entraram na igreja, persignando-se.



Uma semana depois, soube-se que o novo pároco devia chegar pela diligência de Chão de Maçãs, que traz o correio à tarde; e desde as seis horas o cônego Dias e o coadjutor passeavam no Largo do Chafariz, à espera de Amaro.

Era então nos fins de Agosto. Na longa alameda macadamizada que vai junto do rio, entre os dois renques de velhos choupos, entreviam-se vestidos claros de senhoras passeando. Do lado do Arco, na correnteza de casabres pobres, velhas fiavam à porta; crianças sujas brincavam pelo chão, mostrando seus enormes ventres nus; e galinhas em redor iam picando vorazmente as imundícies esquecidas. Em redor do chafariz cheio de ruído, onde os cântaros arrastam sobre a pedra, criadas ralham, soldados, com a sua fardeta suja, enormes botas cambadas, namoravam, meneando a chibata de junco; com o seu cântaro bojudo de barro equilibrado à cabeça sobre a rodilha, raparigas iam-se aos pares, meneando os quadris; e dois oficiais ociosos, com a farda desapertada sobre o estômago, conversavam, esperando, a ver quem viria. A diligência tardava. Quando o crepúsculo desceu, uma lamparina luziu no nicho do santo, por cima do

Arco; e defronte iam-se iluminando uma a uma, com uma luz soturna, as janelas do hospital.

Já tinha anoitecido quando a diligência, com as lanternas acesas, entrou na Ponte ao trote esgalgado dos seus magros cavalos brancos, e veio parar ao pé do chafariz, por baixo da estalagem do Cruz; o caixeiro do tio Patrício partiu logo a correr para a Praça com o maço dos *Diários Populares*; o tio Baptista, o patrão, com o cachimbo negro ao canto da boca, desatrelava, praguejando tranquilamente; e um homem que vinha na almofada, ao pé do cocheiro, de chapéu alto e comprido capote eclesiástico, desceu cautelosamente, agarrando-se às guardas de ferro dos assentos, bateu com os pés no chão para os desentorpecer, e olhou em redor.

— Oh, Amaro! gritou o cônego, que se tinha aproximado, oh ladrão!

— Oh, padre-mestre! disse o outro com alegria. E abraçaram-se, enquanto o coadjutor, todo curvado, tinha o barrete na mão.

Daí a pouco as pessoas que estavam nas lojas viram atravessar a Praça, entre a corpulência vagarosa do cônego Dias e a figura esguia do coadjutor, um homem um pouco curvado, com um capote de padre. Soube-se que era o pároco novo; e disse-se logo na botica que *era uma boa figura de homem*. O João Bicha levava adiante um baú e um saco de chita; e como aquela hora já estava bêbedo, ia resmungando o *Bendito*.

Eram quase nove horas, a noite cerrara. Em redor da Praça as casas estavam já adormecidas: das lojas debaixo da arcada saía a luz triste dos candeeiros de petróleo, entreviam-se dentro figuras sonolentas, caturrando em cavaqueira, ao balcão. As ruas que vinham dar à Praça, tortuosas, tenebrosas, com um lampião mortiço, pareciam desabitadas. E no silêncio o sino da Sé dava vagarosamente o toque das almas.

O cônego Dias ia explicando pachorrentamente ao pároco “o que lhe arranjará”. Não lhe tinha procurado casa: seria necessário comprar mobília, buscar criada, despesas inumeráveis! Parecera-lhe melhor tomar-lhe quartos numa casa de hóspedes respeitável, de muito concheço — e nessas condições (e ali estava o amigo coadjutor que o podia dizer), não havia como a da S. Joaneira. Era bem arejada, muito asseio, a cozinha não deitava cheiro; tinham lá estado o secretário-geral e o inspetor dos estudos; e a S. Joaneira (o Mendes amigo conhecia-a bem) era uma mulher temente a Deus, de boas contas, muito econômica e cheia de condescendências...

— Você está ali como em sua casa! Tem o seu cozido, prato de meio, café...

— Vamos a saber, padre-mestre: preço? disse o pároco.

— Seis tostões. Que diabo! é de graça! Tem um quarto, tem uma saleta...

— Uma rica saleta, comentou o coadjutor respeitosamente.

— E é longe da Sé? perguntou Amaro.

— Dois passos. Pode-se ir dizer missa de chinelos. Na casa há uma rapariga, continuou com a sua voz pausada o cônego Dias. É a filha da S. Joaneira. Rapariga de vinte e dois anos. Bonita. Sua pontinha de gênio, mas bom fundo... Aqui tem você a sua rua.

Era estreita, de casas baixas e pobres, esmagada pelas altas paredes da velha Misericórdia, com um lampião lúgubre ao fundo.

— E aqui tem você o seu palácio! disse o cônego, batendo na aldraba de uma porta esguia.

No primeiro andar duas varandas de ferro, de aspecto antigo, faziam saliência, com os seus arbustos de alecrim, que se arredondavam aos cantos em caixas de madeira; as janelas de cima, pequeninas, eram de peitoril; e a parede, pelas suas irregularidades, fazia lembrar uma lata amolgada.

A S. Joaneira esperava no alto da escada; uma criada, enfezada e sardenta, alumia com um candeeiro de petróleo; e a figura da S. Joaneira destacava plenamente na luz sobre a parede caiada. Era gorda, alta, muito branca, de aspecto pachorrento. Os seus olhos pretos tinham já em redor a pele engelhada; os cabelos arrepiados, com um enfeite escarlata, eram já raros aos cantos da testa e no começo da risca; mas percebiam-se uns braços rechonchudos, um colo copioso e roupas asseadas.

— Aqui tem a senhora o seu hóspede, disse o cônego subindo.

— Muita honra em receber o senhor pároco! muita honra! Há-de vir muito cansado! por força! Para aqui, tem a bondade? Cuidado com o degrauzinho.

Levou-o para uma sala pequena, pintada de amarelo, com um vasto canapé de palhinha encostado à parede, e defronte, aberta, uma mesa forrada de baeta verde.

— É a sua sala, senhor pároco, disse a S. Joaneira. Para receber, para esparecer... Aqui — acrescentou abrindo uma porta — é o seu quarto de dormir. Tem a sua cômoda, o seu guarda-roupa... — Abriu os gavetões, gabou a cama batendo a elasticidade dos colchões. — Uma campainha para chamar sempre que queira... As chavinhas da cômoda estão aqui... Se gosta de travesseirinho mais alto... Tem um cobertor só, mas querendo...

— Está bem, está tudo muito bem, minha senhora, — disse o pároco com a sua voz baixa e suave.

— É pedir! O que há, da melhor vontade...

— Oh criatura de Deus! interrompeu o cônego jovialmente, o que ele quer agora é ceiar!

— Também tem a ceiazinha pronta. Desde as seis que está o caldo a apurar...

E saiu, para apressar a criada, dizendo logo do fundo da escada:

—Vá, Ruça, mexe-te, mexe-te!...

O cônego sentou-se pesadamente no canapé, e sorvendo a sua pitada:

— É contentar, meu rico. Foi o que se pôde arranjar.

— Eu estou bem em toda parte, padre-mestre, disse o pároco, calçando os seus chinelos de ourelo. Olha o seminário!... E em Feirão! Caía-me a chuva na cama.

Para o lado da Praça, então, sentiu-se o toque de cornetas.

— Que é aquilo? perguntou Amaro, indo à janela.

— As nove e meia, o toque de recolher.

Amaro abriu a vidraça. Ao fim da rua um candeeiro esmorecia. A noite estava muito negra. E havia sobre a cidade um silêncio côncavo, de abóbada.

Depois das cornetas, um rufar lento de tambores afastou-se para o lado do quartel; por baixo da janela um soldado, que se demorara nalguma viela do Castelo, passou correndo; e das paredes da Misericórdia saía constantemente o agudo piar das corujas.

— É triste isto, disse Amaro.

Mas a S. Joaneira gritou de cima:

— Pode subir, senhor cônego! Está o caldo na mesa!

— Ora vá, vá, que você deve estar a cair de fome, Amaro! — disse o cônego, erguendo-se muito pesado.

E detendo um momento o pároco, pela manga do casaco:

— Vai você ver o que é um caldo de galinha feito cá pela senhora! Da gente se babar!...

No meio da sala de jantar, forrada de papel escuro, a claridade da mesa alegrava, com a sua toalha muito branca, a louça, os copos reluzindo à luz forte dum candeeiro de abajur verde. Da terrina subia o vapor cheiroso do caldo e, na larga travessa a galinha gorda, afogada num arroz úmido e branco, rodeada de nacos de bom paio, tinha uma aparência suculenta de prato morgado. No armário envidraçado, um pouco na sombra, viam-se cores claras de porcelana; a um canto, ao pé da janela, estava o piano, coberto com uma colcha de cetim desbotado. Na cozinha frigia-se; e sentindo o cheiro fresco que vinha dum tabuleiro de roupa lavada, o pároco esfregou as mãos, regalado.

— Para aqui, senhor pároco, para aqui, disse a S. Joaneira. Daí pode vir-lhe frio. — Foi fechar as portadas das janelas; chegou-lhe um caixão de areia para as pontas dos cigarros. — E o senhor cônego toma um copinho de geleia, sim?

— Vá lá, para fazer companhia, disse jovialmente o cônego, sentando-se e desdobrando o guardanapo.

A S. Joaneira, no entanto, mexendo-se pela sala, ia admirando o pároco, que, com a cabeça sobre o prato, comia em silêncio o seu caldo, soprando a

colher. Parecia bem-feito; tinha um cabelo muito preto, levemente anelado. O rosto era oval, de pele trigueira e fina, os olhos negros e grandes, com pestanas compridas.

O cônego, que não o via desde o seminário, achava-o mais forte, mais viril.

— Você era enfezadito. . .

— Foi o ar da serra, dizia o pároco, fez-me bem! — Contou então a sua triste existência em Feirão, na alta Beira, durante a aspereza do Inverno, só com pastores. O cônego deitava-lhe o vinho de alto, fazendo-o espumar.

— Pois é beber-lhe, homem! é beber-lhe! Desta gota não pilhava você no seminário.

Falaram do seminário.

— Que será feito do Rabicho, o despenseiro? disse o cônego.

— E do Carochinho, que roubava as batatas?

Riram; e bebendo, na alegria das reminiscências, recordavam as histórias de então, o catarro do reitor, e o mestre do cantochão que deixara um dia cair do bolso as poesias obscenas de Bocage<sup>6</sup>.

— Como o tempo passa, como o tempo passa! diziam.

A S. Joaneira então pôs na mesa um prato covado com maçãs assadas.

— Viva! Não, lá nisso também eu entro! exclamou logo o cônego. A bela maçã assada! nunca me escapa! Grande dona de casa, meu amigo, rica dona de casa, cá a nossa S. Joaneira! Grande dona de casa!

Ela ria; viam-se os seus dois dentes de diante, grandes e chumbados. Foi buscar uma garrafa de vinho do Porto; pôs no prato do cônego, com requintes devotos, uma maçã desfeita, polvilhada de açúcar; e batendo-lhe nas costas com a mão papuda e mole:

— Isto é um santo, senhor pároco, isto é um santo! Ai! devo-lhe muitos favores!

— Deixe falar, deixe falar, dizia o cônego. — Espalhava-se-lhe no rosto um contentamento baboso. — Boa gota! acrescentou, saboreando o seu cálice de Porto. Boa gota!

— Olhe que ainda é dos anos da Amélia, senhor cônego.

— E onde está ela, a pequena?

— Foi ao Morenal com a D. Maria. Aquilo naturalmente foram para casa das Gansos passar a noite.

---

6 Observe-se a crítica ao clero desenvolvida pelo narrador desde o início da narrativa. Os religiosos agem apenas por interesses grosseiramente materiais: dinheiro, alimento e sexo. Há uma contradição entre o que realmente são e o que aparentam ser, como ocorre com o mestre de cantochão (que é um canto religioso de tradição cristã), que se divertia lendo poemas obscenos do poeta pré-romântico português Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805). (N.E.)

— Cá esta senhora é proprietária, explicou o cônego, falando do *Morenal*. É um condado! — Ria com bonomia, e os seus olhos luzidios percorriam ternamente a corpulência da S. Joaneira.

— Ah, senhor pároco, deixe falar, é uma nesga de terra... disse ela.

Mas vendo a criada encostada à parede, sacudida com aflições de tosse:

— Ó mulher, vai tossir lá para dentro! credo!

A moça saiu, pondo o avental sobre a boca.

— Parece doente, coitada, observou o pároco.

Muito achacada, muito!... A *pobre de Cristo* era sua afillhada, órfã, e estava quase tísica, Tinha-a tomado por piedade...

— E também porque a criada que cá tinha foi para o hospital, a desavergonhada... Meteu-se aí com um soldado!...

O padre Amaro baixou devagar os olhos — e trincando migalhas, perguntou se havia muitas doenças naquele Verão.

— Colerinas, das frutas verdes, rosou o cônego. Metem-se pelas melancias, depois tarraçadas de água... E suas febritas...

Falaram então das sezões do campo, dos ares de Leiria.

— Que eu agora, dizia o padre Amaro, ando mais forte. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, tenho saúde, tenho!

— Ai, Nosso Senhor lha conserve, que nem sabe o bem que é! exclamou a S. Joaneira. — Contou imediatamente a grande desgraça que tinha em casa, uma irmã meio idiota entrevada havia dez anos! Ia fazer sessenta anos... No Inverno viera-lhe um catarro, e desde então, coitadinha, definhava, definhava...

— Há bocado, ao fim da tarde, teve ela um ataque de tosse! Pensei que se ia embora. Agora descansou mais...

Continuou a falar “daquela tristeza”, depois da sua Ameliazinha, das Gansosos, do antigo chantre, da carestia de tudo — sentada, com o gato no colo, rolando com os dois dedos, monotonamente, bolinhas de pão. O cônego, pesado, cerrava as pálpebras; tudo na sala parecia ir gradualmente adormecendo; a luz do candeeiro esmorecia.

— Pois senhores, disse por fim o cônego mexendo-se, isto são horas!

O padre Amaro ergueu-se, e com os olhos baixos deu as graças.

— O senhor pároco quer lamparina? perguntou cuidadosamente a S. Joaneira.

— Não, minha senhora. Não uso. Boas noites!

E desceu devagar, palitando os dentes.

A S. Joaneira alumiava no patamar, com o candeeiro. Mas nos primeiros degraus o pároco parou, e voltando-se, afetuosamente:

— É verdade, minha senhora, amanhã é sexta-feira, é jejum...

— Não, não, acudiu o cônego que se embrulhava na capa de lustrina, bocejando, você amanhã janta comigo. Eu venho por cá, vamos ao chantre, à Sé, e por aí... E olhe que tenho lulas. É um milagre, que isto aqui nunca há peixe.

A S. Joaneira tranquilizou logo o pároco.

— Ai, é escusado lembrar os jejuns, senhor pároco. Tenho o maior escrúpulo!

— Eu dizia, explicou o pároco, porque infelizmente hoje em dia ninguém cumpre.

— Tem vossa senhoria muita razão, atalhou ela. — Mas eu! credo!... A salvação da minha alma antes de tudo!

A campainha embaixo, então, retiniu fortemente.

— Há-de ser a pequena, disse a S. Joaneira. Abre, Ruça!

A porta bateu, sentiram-se vozes, risinhos.

— És tu, Amélia?

Uma voz disse *adeusinho! adeusinho!* E apareceu, subindo quase a correr, com os vestidos um pouco apanhados adiante, uma bela rapariga, forte, alta, bem-feita, com uma manta branca pela cabeça e na mão um ramo de alecrim.

— Sobe, filha. Aqui está o senhor pároco. Chegou agora à noitinha, sobe!

Amélia tinha parado um pouco embaraçada, olhando para os degraus de cima, onde o pároco ficara, encostado ao corrimão. Respirava fortemente de ter corrido; vinha corada; os seus olhos vivos e negros luziam; e saía dela uma sensação de frescura e de prados atravessados.

O pároco desceu, cingido ao corrimão, para a deixar passar, murmurando *boas-noites!* com a cabeça baixa. O cônego, que descia atrás, pesadamente, tomou o meio da escada, diante de Amélia:

— Então isto são horas, sua brejeira?

Ela teve um risinho, encolheu-se.

— Ora vá-se encomendar a Deus, vá! disse batendo-lhe no rosto devagarinho com a sua mão grossa e cabeluda.

Ela subiu a correr, enquanto o cônego, depois de ir buscar o guarda-sol à saleta, saía, dizendo à criada, que erguia o candeeiro sobre a escada:

— Está bem, eu vejo, não apanhes frio, rapariga. Então às oito, Amaro! Esteja a pé! Vai-te, rapariga, adeus! Reza à Senhora da Piedade que te seque essa catarreira.

O pároco fechou a porta do quarto. A roupa da cama entreaberta, alva, tinha um bom cheiro de linho lavado. Por cima da cabeceira pendia a gravura antiga dum Cristo crucificado. Amaro abriu o seu Breviário, ajoelhou

aos pés da cama, persignou-se; mas estava fatigado, vinham-lhe grandes bocejos; e então por cima, sobre o teto, através das orações rituais que maquinaalmente ia lendo, começou a sentir o tique-tique das botinas de Amélia e o ruído das saias engomadas que ela sacudia ao despir-se.



Amaro Vieira nascera em Lisboa em casa da senhora marquesa de Alegros. Seu pai era criado do marquês; a mãe era criada de quarto; quase uma amiga da senhora marquesa. Amaro conservava ainda um livro, o *Menino das Selvas*, com bárbaras imagens coloridas que tinha escrito na primeira página branca: *À minha muito estimada criada Joana Vieira e verdadeira amiga que sempre tem sido, — Marquesa de Alegros*. Possuía também um daguerreótipo<sup>8</sup> de sua mãe: era uma mulher forte, de sobranceiras cerradas, a boca larga e sensualmente fendida, e uma cor ardente. O pai de Amaro tinha morrido de apoplexia; e a mãe, que fora sempre tão sã, sucumbiu, daí a um ano, a uma tísica de laringe. Amaro completara então seis anos. Tinha uma irmã mais velha que desde pequena vivia com a avó em Coimbra, e um tio, merceeiro abastado do bairro da Estrela. Mas a senhora marquesa ganhara amizade a Amaro; conservou-o em sua casa, por uma adoção tácita: e começou, com grandes escrúpulos, a vigiar a sua educação.

A marquesa de Alegros ficara viúva aos quarenta e três anos, e passava a maior parte do ano retirada na sua quinta de Carcavelos. Era uma pessoa passiva, de bondade indolente, com capela em casa, um respeito devoto pelos padres de S. Luís, sempre preocupada dos interesses da Igreja. As suas duas filhas, educadas no receio do céu e nas preocupações da Moda, eram beatas e faziam o chique falando com igual fervor da humildade cristã e do último figurino de Bruxelas. Um jornalista de então dissera delas: — Pensam todos os dias na toalette com que hão-de entrar no Paraíso.

No isolamento de Carcavelos, naquela quinta de alamedas aristocráticas onde os pavões gritavam, as duas meninas enfasiavam-se. A Religião, a Caridade eram então ocupações avidamente aproveitadas: cosiam vestidos

---

7 Todo o capítulo III constitui uma retrospectiva dos fatos anteriores à história narrada. Por meio dela, o caráter do padre Amaro é fundamentado de acordo com os princípios da estética realista. (N.E.)

8 **daguerreótipo**: tipo de fotografia obtida através do aparelho homônimo inventado por Louis J. M. Daguerre (1787-1851), que fixava as imagens obtidas na câmara escura em uma folha de prata sobre uma placa de cobre. (N.E.)

para os pobres da freguesia, bordavam frontais para os altares da igreja. De Maio a Outubro estavam inteiramente absorvidas pelo trabalho de salvar a sua alma; liam os livros beatos e doces; como não tinham S. Carlos, as visitas, a Aline, recebiam os padres e cochichavam sobre a virtude dos santos. Deus era o seu luxo de Verão.

A senhora marquesa resolvera desde logo fazer entrar Amaro na vida eclesiástica. A sua figura amarelada e magrita pedia aquele destino recolhido: era já afeiçoado às coisas de capela, e o seu encanto era estar aninhado ao pé das mulheres, no calor das saias unidas, ouvindo falar de santas. A senhora marquesa não o quis mandar ao colégio porque receava a impiedade dos tempos, e as camaradagens imorais. O capelão da casa ensinava-lhe o latim, e a filha mais velha, a Sra. D. Luísa, que tinha um nariz de cavalete e lia Chateaubriand<sup>9</sup> dava-lhe lições de francês e de geografia.

Amaro era, como diziam os criados, um *mosquinha-morta*. Nunca brincava, nunca pulava ao sol. Se à tarde acompanhava a senhora marquesa às alamedas da quinta, quando ela descia pelo braço do padre Liset ou do respeitoso procurador Freitas, ia a seu lado, mono, muito encolhido, torcendo com as mãos úmidas o forro das algibeiras, — vagamente assustado das espessuras de arvoredos e do vigor das relvas altas.

Tornou-se muito medroso. Dormia com lamparina, ao pé de uma ama velha. As criadas de resto feminizavam-no; achavam-no bonito, aninhavam-no no meio delas, beijocavam-no, faziam-lhe cócegas, e ele rolava por entre as saias, em contato com os corpos, com gritinhos de contentamento. Às vezes, quando a senhora marquesa saía, vestiam-no de mulher, entre grandes risadas; ele abandonava-se, meio nu, com os seus modos lânguidos, os olhos quebrados, uma roseta escarlate nas faces. As criadas, além disso, utilizavam-no nas suas intrigas umas com as outras: era Amaro o que *fazia as queixas*. Tornou-se enredador, muito mentiroso.

Aos onze anos ajudava à missa, e aos sábados limpava a capela. Era o seu melhor dia; fechava-se por dentro, colocava os santos em plena luz em cima duma mesa, beijando-os com ternuras devotas e satisfações gulosas; e toda a manhã, muito atarefado, cantarolando o Santíssimo, ia tirando a traça dos vestidos das Virgens e limpando com gesso e cré as auréolas dos Mártires.

No entanto crescia; o seu aspecto era o mesmo, miúdo e amarelado; nunca dava uma boa risada; trazia sempre as mãos nos bolsos. Estava constantemente metido nos quartos das criadas, remexendo as gavetas; bulia nas

---

9 **Chateaubriand:** François-René, visconde de Chateaubriand (1768-1848), foi um escritor pré-romântico francês que defendia a religião cristã. (N.E.)

saias sujas, cheirava os algodões postiços. Era extremamente preguiçoso, e custava de manhã arrancá-lo a uma sonolência doentia em que ficava amolecido, todo embrulhado nos cobertores e abraçado ao travesseiro. Já corcovava um pouco, e os criados chamavam-lhe o *padreca*.



Num domingo gordo, uma manhã, depois da missa, ao chegar-se ao terraço, a senhora marquesa de repente caiu morta com uma apoplexia. Deixava no seu testamento um legado para que Amaro, o filho da sua criada Joana, entrasse aos quinze anos no seminário e se ordenasse. O padre Liset ficava encarregado de realizar esta disposição piedosa. Amaro tinha então treze anos.

As filhas da senhora marquesa deixaram logo Carcavelos e foram para Lisboa, para a casa da Sra. D. Bárbara de Noronha, sua tia paterna. Amaro foi mandado para casa do tio, para a Estrela. O merceeiro era um homem obeso, casado com a filha dum pobre empregado público, que o aceitara para sair da casa do pai, onde a mesa era escassa, ela devia fazer as camas e nunca ia ao teatro. Mas odiava o marido, as suas mãos cabeludas, a loja, o bairro, e o seu apelido de Sra. Gonçalves. O marido, esse adorava-a como a delícia da sua vida, o seu luxo; carregava-a de joias e chamava-lhe a sua *duquesa*.

Amaro não encontrou ali o elemento feminino e carinhoso, em que estivera tepidamente envolvido em Carcavelos. A tia quase não reparava nele; passava os seus dias lendo romances, as análises dos teatros nos jornais, vestida de seda, coberta de pó de arroz, o cabelo em cachos, esperando a hora em que passava debaixo das janelas, puxando os punhos, o Cardoso, galã da Trindade. O merceeiro apropriou-se então de Amaro como duma utilidade imprevista, mandou-o para o balcão. Fazia-o erguer logo às cinco horas da manhã; e o rapaz tremia na sua jaqueta de pano azul, molhando à pressa o pão na chávena de café, ao canto da mesa da cozinha. De resto detestavam-no; a tia chamava-lhe o *cebola* e o tio chamava-lhe o *burro*. Pesava-lhes até o magro pedaço de vaca que ele comia ao jantar. Amaro emagrecia, e todas as noites chorava.

Sabia já que aos quinze anos devia entrar no seminário. O tio todos os dias lho lembrava:

— Não penses que ficas aqui toda a vida na vadiagem, burro. Em tendo quinze anos, é para o seminário. Não tenho obrigação de carregar contigo! Besta na agola, não está nos meus princípios!

E o rapaz desejava o seminário, como um libertamento.

Nunca ninguém consultara as suas tendências ou a sua vocação. Impunham-lhe uma sobrepeliz; a sua natureza passiva, facilmente dominável, aceitava-a, como aceitaria uma farda. De resto não lhe desagradava *ser padre*. Desde que saíra das rezas perpétuas de Carcavelos conservara o seu medo do Inferno, mas perdera o fervor pelos santos; lembravam-lhe porém os padres que vira em casa da senhora marquesa, pessoas brancas e bem tratadas, que comiam ao lado das fidalgas, e tomavam rapé em caixas de ouro; e convinha-lhe aquela profissão em que se cantam bonitas missas, se comem doces finos, se fala baixo com as mulheres, — vivendo entre elas, cochichando, sentindo-lhes o calor penetrante, — e se recebem presentes em bandejas de prata. Recordava o padre Liset com um anel de rubi no dedo mínimo; monsenhor Saavedra com os seus belos óculos de ouro, bebendo aos goles o seu copo de Madeira. As filhas da senhora marquesa bordavam-lhes chinelas. Um dia tinha visto um bispo que fora padre na Baía, viajara, estivera em Roma, era muito jovial; e na sala, com as suas mãos unguidas que cheiravam a água-de-colônia, apoiadas ao castão de ouro da bengala, todo rodeado de senhoras em êxtase e cheias dum riso beato, cantava, para as entreter, com a sua bela voz:

Mulatinha da Baía,  
Nascida no Capujá...

Um ano antes de entrar para o seminário, o tio fê-lo ir a um mestre para se afirmar mais no latim, e dispensou-o de estar ao balcão. Pela primeira vez na sua existência, Amaro possuiu liberdade. Ia só à escola, passeava pelas ruas. Viu a cidade, o exército de infantaria, espreitou as portas dos cafés, leu os cartazes dos teatros. Sobretudo começara a reparar muito nas mulheres — e vinham-lhe, de tudo o que via, grandes melancolias. A sua hora triste era ao anoitecer, quando voltava da escola, ou aos domingos depois de ter ido passear com o caixeiro ao jardim da Estrela. O seu quarto ficava em cima, na trapeira, com uma janelinha num vão sobre os telhados. Encostava-se ali olhando, e via parte da cidade baixa, que a pouco e pouco se alumia de pontos de gás: parecia-lhe perceber, vindo de lá, um rumor indefinido: era a vida que não conhecia e que julgava maravilhosa, com cafés abrasados de luz, e mulheres que arrastam ruge-ruges de sedas pelos peristilos dos teatros; perdia-se em imaginações vagas, e de repente apareciam-lhe no fundo negro da noite formas femininas, por fragmentos, uma perna com botinas de duraque e a meia muito branca, ou um braço roliço arregaçado até ao ombro... Mas embaixo, na cozinha, a criada começava a lavar a louça, cantando: era uma rapariga gorda, muito sardenta; e vinham-lhe então desejos de descer, ir roçar-se por ela,

ou estar a um canto a vê-la escaldar os pratos; lembravam-lhe outras mulheres que vira nas vielas, de saias engomadas e ruidosas, passeando em cabelo, com botinas cambadas: e, da profundidade do seu ser, subia-lhe uma preguiça, como que a vontade de abraçar alguém, de não se sentir só. Julgava-se infeliz, pensava em matar-se. Mas o tio chamava-o de baixo:

— Então tu não estudas, mariola?

E daí a pouco, sobre o Tito Lívio cabeceando de sono, sentindo-se desgraçado, roçando os joelhos um contra o outro, torturava o dicionário.

Por esse tempo começava a sentir um certo afastamento pela vida de padre, porque não poderia casar. Já as convivências da escola tinham introduzido na sua natureza efeminada curiosidades, corrupções. Às escondidas fumava cigarros: emagrecia e andava mais amarelo<sup>10</sup>.



Entrou no seminário. Nos primeiros dias os longos corredores de pedra um pouco úmidos, as lâmpadas tristes, os quartos estreitos e gradeados, as batinas negras, o silêncio regulamentado, o toque das sinetas — deram-lhe uma tristeza lúgubre, aterrada. Mas achou logo amizades: o seu rosto bonito agradou. Começaram a tratá-lo por tu, a admiti-lo, durante as horas de recreio ou nos passeios do domingo, às conversas em que se contavam anedotas dos mestres, se caluniava o reitor, e perpetuamente se lamentavam as melancolias da clausura: porque quase todos falavam com saudade das existências livres que tinham deixado: os da aldeia não podiam esquecer as claras eiras batidas do sol, as esfolhadas cheias de cantigas e de abraços, as filas da boiada que recolhe, enquanto um vapor se exala dos prados: os que tinham das pequenas vilas lamentavam as ruas tortuosas e tranquilas de onde se namoram as vizinhas, os alegres dias de mercado, as grandes aventuras do tempo em que se estuda latim. Não lhes bastava o pátio do recreio lajeado, com as suas árvores definhadas, os altos muros sonolentos, o monótono jogo da bola: abafavam na estreita dos corredores, na sala de Santo macio, onde se faziam as meditações da manhã e se estudavam à noite as lições; e invejavam todos os destinos livres ainda os mais humildes — o almocreve que viam passar na estrada tocando os seus machos, o carreiro

---

10 Note-se que Amaro não possuía nenhuma vocação para o sacerdócio. Aceita-o por comodismo, em sua conduta covarde. (N.E.)

que ia cantarolando ao áspero chiar das rodas, e até os mendigos errantes, apoiados ao seu cajado, com o seu alforje escuro.

Da janela dum corredor via-se uma solta de estrada: à tardinha uma diligência costumava passar, levantando a poeira, entre os estalidos do chicote, ao trote das três éguas, carregadas de bagagem; passageiros alegres, que levavam os joelhos bem embrulhados, sopravam o fumo dos charutos; quantos olhares os seguiam! quantos desejos iam viajando com eles para as alegres vilas e para as cidades, pela frescura das madrugadas ou sob a claridade das estrelas!

E no refeitório, diante do escasso caldo de hortaliça, quando o regente de voz grossa começava a ler monotonamente as cartas de algum missionário da China ou as Pastorais do senhor bispo, quantas saudades dos jantares de família! As boas postas de peixe! O tempo da matança! Os rijões quentes que cham no prato! Os sarrabulhos cheirosos!

Amaro não deixava coisas queridas: vinha da brutalidade do tio, do rosto enfasiado da tia coberto de pó de arroz; mas insensivelmente pôs-se também a ter saudades dos seus passeios aos domingos, da claridade do gás e das soltas da escola, com os livros numa correia, quando parava encostado à turma das lojas a contemplar a nudez das bonecas!

Lentamente, porém, com a sua natureza encaracterística, foi entrando como uma ovelha indolente na regra do seminário. Decorava com regularidade os seus compêndios: tinha uma exatidão prudente nos serviços eclesiásticos: e calado, encolhido, curvando-se muito baixo diante dos lentes — chegou a ter boas notas.

Nunca pudera compreender os que pareciam gozar o seminário com beatitude e maceravam os joelhos, ruminando, com a cabeça baixa, textos da *Imitação* ou de Santo Inácio; na capela, com os olhos em alvo, empalideciam de êxtase; mesmo no recreio, ou nos passeios, iam lendo algum volumezinho de *Louvores a Maria*; e cumpriam com delícia as regras mais miúdas — até subir só um degrau de cada vez, como recomenda S. Boaventura. A esses o seminário dava um antegosto do Céu: a ele só lhe oferecia as humilhações duma prisão, com os tédios duma escola.

Não compreendia também os ambiciosos; os que queriam ser caudatários dum bispo, e nas altas salas dos paços episcopais erguer os reposteiros de velho damasco; os que desejavam viver nas cidades depois de ordenados, servir uma Igreja aristocrática, e, diante das devotas ricas que se acumulam no fru-fru das sedas sobre o tapete do altar-mor, cantar com voz sonora. Outros sonhavam até destinos fora da Igreja: ambicionavam ser militares e arrastar nas ruas lajeadas o tlim-tlim dum sabre; ou a farta vida da lavoura,

e desde a madrugada, com um chapéu desabado e bem montados, trotar pelos caminhos, dar ordens nas largas eiras cheias de medas, apear à porta das adegas! E, a não ser alguns devotos, todos, ou aspirando ao sacerdócio ou aos destinos seculares, queriam deixar a estreiteza do seminário para comer bem, ganhar dinheiro e conhecer as mulheres.

Amaro não deseja nada:

— Eu nem sei, dizia ele melancolicamente.

No entanto, escutando por simpatia aqueles para quem o seminário era o “tempo das galés”, saía muito perturbado daquelas conversas cheias de impaciente ambição da vida livre. Às vezes falavam de fugir. Faziam planos, calculando a altura das janelas, as peripécias da noite negra pelos negros caminhos: anteviam balcões de tabernas onde se bebe, salas de bilhar, alcovas quentes de mulheres. Amaro ficava todo nervoso: sobre o seu catre, alta noite, revolvía-se sem dormir, e, no fundo das suas imaginações e dos seus sonhos, ardia como uma brasa silenciosa o desejo da Mulher.

Na sua cela havia uma imagem da Virgem coroada de estrelas, pousada sobre a esfera, com o olhar errante pela luz imortal, calcando aos pés a serpente. Amaro voltava-se para ela como para um refúgio, rezava-lhe a Salve-Rainha: mas, ficando a contemplar a litografia, esquecia a santidade da Virgem, via apenas diante de si uma linda moça loura: amava-a: suspirava, despiando-se olhava-a de revés lubricamente; e mesmo a sua curiosidade ousava erguer as pregas castas da túnica azul da imagem e supor formas, redondezas, uma carne branca... Julgava então ver os olhos do Tentador luzir na escuridão do quarto; aspergia a cama de água benta; mas não se atrevia a revelar estes delírios, no confessionário, ao domingo<sup>11</sup>.

Quantas vezes ouvira, nas prédicas, o mestre de Moral falar, com a sua voz roufenha, do Pecado, compará-lo à serpente e com palavras untuosas e gestos arqueados, deixando cair vagarosamente a pompa melíflua dos seus períodos, aconselhar os seminaristas a que, imitando a Virgem, calcassem aos pés a *serpente ominosa!* E depois era o mestre de Teologia mística que falava, sorvendo o seu rapé, no dever de *vencer a Natureza!* E citando S. João de Damasco e S. Crisólogo, S. Cipriano e S. Jerônimo, explicava os anátemas dos santos contra a Mulher, a quem chamava, segundo as expressões da Igreja, Serpente, Dardo, Filha da Mentira, Porta do Inferno, Cabeça do Crime, Escorpião...

---

11 Neste parágrafo, a inautenticidade do processo educativo nos seminários leva o personagem a subverter os próprios valores éticos inculcados pelos padres. (N.E.)

— E como disse o nosso padre S. Jerônimo — e assoava-se estrondosamente — Caminho de iniquidades, iniquita via!

Até nos compêndios encontrava a preocupação da Mulher! Que ser era esse, pois, que através de toda a teologia ora era colocada sobre o altar como a Rainha da Graça, ora amaldiçoada com apóstrofes bárbaras? Que poder era o seu, que a legião dos santos ora se arremessa ao seu encontro, numa paixão extática, dando-lhe por aclamação o profundo reino dos Céus, — ora vai fugindo diante dela como do Universal Inimigo, com soluços de terror e gritos de ódio, e escondendo-se, para a não ver, nas tebaidas e nos claustros, vai ali morrendo do mal de a ter amado? Sentia, sem as definir, estas perturbações: elas renasciam, desmoralizavam-no perpetuamente: e já antes de fazer os seus votos desfalecia no desejo de os quebrar.

E em redor dele, sentia iguais rebeliões da natureza: os estudos, os jejuns, as penitências podiam domar o corpo, dar-lhe hábitos maquinais, mas dentro os desejos moviam-se silenciosamente, como num ninho serpentes imperturbadas. Os que mais sofriam eram os sanguíneos, tão doloridamente apertados na Regra como os seus grossos pulsos plebeus nos punhos das camisas. Assim, quando estavam sós, o temperamento irrompia: lutavam, faziam forças, provocavam desordens. Nos linfáticos a natureza comprimida produzia as grandes tristezas, os silêncios moles: desforravam-se então no amor dos pequenos vícios: jogar com um velho baralho, ler um romance, obter de intrigas demoradas um maço de cigarros — quantos encantos do pecado!

Amaro por fim quase invejava os estudiosos; ao menos esses estavam contentes, estudavam perpetuamente, escrevinhavam notas no silêncio da alta livraria, eram respeitados, usavam óculos, tomavam rapé. Ele mesmo tinha às vezes ambições repentinas de ciência; mas diante dos vastos in-folios vinha-lhe um tédio insuperável. Era no entanto devoto: rezava, tinha fé ilimitada em certos santos, um terror angustioso de Deus. Mas odiava a clausura do seminário! A capela, os chorões do pátio, as comidas monótonas do longo refeitório lajeado, os cheiros dos corredores, tudo lhe dava uma tristeza irritada: parecia-lhe que seria bom, puro, crente, se estivesse na liberdade duma rua ou na paz dum quintal, fora daquelas negras paredes. Emagrecia, tinha suores éticos: e mesmo no último ano, depois do serviço pesado da Semana Santa, como começavam os calores, entrou na enfermaria com uma febre nervosa.

Ordenou-se enfim pelas tēmporas de S. Mateus; e pouco tempo depois recebeu, ainda no seminário, esta carta do Sr. padre Liset: